

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO – UNIBRA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DUANE BORBA RODRIGUES

HADARA YASMIM MATOS COUTO FERRÉ

MARIA EDUARDA DE CASTRO VERAS

**A ALTERIDADE COMO CAMINHO PARA A
COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA**

RECIFE

2021

DUANE BORBA RODRIGUES

HADARA YASMIM MATOS COUTO FERRÉ

MARIA EDUARDA DE CASTRO VERAS

A ALTERIDADE COMO CAMINHO PARA A COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina TCC II do Curso de Graduação em
Psicologia do Centro Universitário Brasileiro –
UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão
do curso.

Orientador (a): Prof. Espec. Catarina Burle Viana

RECIFE

2021

R696a

Rodrigues, Duane Borba

A alteridade como caminho para a comunicação na relação psicoterapêutica. Duane Borba Rodrigues; Hadara Yasmim Matos Couto Ferré; Maria Eduarda De Castro Veras. - Recife: O Autor, 2021.

32 p.

Orientadora: Catarina Burle Viana.

Trabalho De Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2021.

1.Alteridade. 2.Comunicação. 3.Relação terapêutica. I. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. II. Título.

CDU: 159.9

Dedicamos este trabalho aos nossos pais, nossa família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pela minha existência, por minha família, minha saúde, minha trajetória de vida até aqui e pelas pessoas que Ele colocou em meu caminho que contribuíram para a construção de quem sou hoje.

À minha família, em especial a minha mãe Verônica Borba Rodrigues, professora de Língua Portuguesa, por sua motivação, empenho, inspiração, suporte, financiamento, amor, compreensão e paciência ao longo destes anos de existência e de formação acadêmica. Obrigada minha por sempre acreditar em mim.

Às minhas irmãs Dara Borba Rodrigues e Tacila Borba Rodrigues por serem minhas amigas, motivadoras, por me apoiarem durante todo este processo, pelos conselhos e por suportarem meus momentos difíceis com acolhimento e bom humor. Poder contar com vocês fez toda a diferença e foi fundamental para eu chegar até aqui.

À minha avó Vilmaluce Pereira Borba, por seu carinho, conselhos, aconchego, compreensão, paciência, motivação e amor que foram essenciais para minha caminhada de vida e por me fazer persistir neste intento. Seu apoio foi de grande valor para mim vó.

À minha orientadora do nono período, Jullyane Brasilino por suas explicações, paciência e orientações que foram de fundamental importância para a estruturação deste trabalho.

À minha orientadora do décimo período, Catarina Viana, por sua infinita paciência, minúcia e empatia em suas orientações que viabilizaram o produto final: este trabalho.

Às minhas parceiras neste TCC: Hadara Yasmim Matos Couto e Maria Eduarda de Castro Veras por todo o suporte, paciência, noites em claro e parceria ao longo do curso e na elaboração deste trabalho.

Sou imensamente grata, Duane Borba Rodrigues.

Agradeço este trabalho acima de tudo a Deus que todos os dias me deu força para que eu pudesse me desempenhar bem no trabalho, por minha saúde, por minha família e por todo o meu caminhar.

À minha mãe Ana Maria da Conceição, pois foi através de toda a sua torcida e motivação que estou quase concluindo a minha formação no curso que eu sempre desejei, pelo seu amor, carinho e pela sua escuta de todos os problemas e de todas as realizações que eu compartilhava.

À toda a minha família que me ajudou a enfrentar esse processo de formação e nunca desprezaram as minhas escolhas ao longo do curso.

Agradeço meu pai Henrique Geraldo Couto Bandeira que com todo o seu empenho sempre conversou e me orientou nos piores momentos que passei ao longo do período de formação e também sempre se dedicando para aprender comigo sobre as cadeiras do curso.

Agradeço ao meu esposo Wagner Ferré de Castro Souza que sempre passou horas comigo ouvindo os meus resumos, as minhas angústias, as minhas conquistas e sempre foi meu apoio, suportando todos os momentos e trazendo alegria durante meu processo de formação.

À minha orientadora Jullyane Brasilino pela sua dedicação, orientação e explicação de diversos assuntos que foram fundamentais para a construção e estruturação de todo o trabalho.

Às minhas companheiras de grupo do TCC: Duane Borba Rodrigues e Maria Eduarda de Castro Veras por todo o cuidado, desempenho, dedicação, esforço, orientação, pelas construções que fizemos juntas e pelo compartilhamento de diversas ideias para a estruturação do trabalho.

Muito obrigada, Hadara Yasmim Matos Couto Ferré.

Gostaria de agradecer a Deus inicialmente por ter me abençoado com a dádiva da vida, me concedido o privilégio da realização de um sonho, por ter me proporcionado sabedoria, força de vontade, saúde e resiliência para suportar as dificuldades e obstáculos.

À minha família que me deu bastante suporte durante a minha trajetória na graduação, destaco a minha mãe Paula Andrea de Castro Veras, que me acompanhou de perto com seu apoio incondicional e meu pai Ednilson Alves Veras pela confiança depositada em mim, incentivo, custeamento e suporte.

À minha avó Gilvanete Augusta Correia de Castro, que esteve presente nessa jornada desde o início, por todo apoio e dedicação.

À meu padrinho Evio Mauricio Alves Veras, pela motivação, consideração, incentivo, custeamento e principalmente por tornar real meu sonho me dando a oportunidade em me formar em psicologia.

À minha orientadora Jullyane Brasilino pela sua contribuição através de direcionamentos e orientações, com sua sabedoria e dedicação que auxiliaram na construção da dissertação.

Às minhas duas parceiras do TCC: Duane Borba Rodrigues e Hadara Yasmim Matos Couto, pela dedicação, suporte, desempenho, comprometimento, paciência e companheirismo que foram essenciais no meu processo de formação e na elaboração do trabalho.

Muito obrigada, Maria Eduarda de Castro Veras.

"... como estou inclinado a pensar, a alteridade do outro homem em relação ao eu é inicialmente - e, ousar dizer, é "positivamente" - rosto do outro homem obrigando o eu, o qual de imediato- sem deliberação- responde por outrem. De imediato, isto é, responde "gratuitamente", sem se preocupar com reciprocidade. Gratuidade do pelo outro, resposta de responsabilidade".

(Emmanuel Lévinas)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 CONCEITO DE ALTERIDADE	14
2.2 COMUNICAÇÃO.....	15
2.3 ÉTICA DA ALTERIDADE E RELAÇÃO CLIENTE-TERAPEUTA.....	18
3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO	19
3.1 RECORTES SOBRE PESQUISA QUALITATIVA.....	19
3.2 METODOLOGIA	19
4. RESULTADOS	20
4.1 QUADRO DE RESULTADOS.....	21
5. DISCUSSÃO.....	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
7. REFERÊNCIAS	30

A ALTERIDADE COMO CAMINHO PARA A COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA.

DUANE BORBA RODRIGUES

HADARA YASMIM MATOS COUTO FERRÉ

MARIA EDUARDA DE CASTRO VERAS

ORIENTADOR (A): CATARINA VIANA

Resumo: O outro, na filosofia de Emmanuel Lévinas, é o desconhecido, é o exterior a Mim, que não pode ser compreendido em sua inteireza; mas esta relação eu-tu é fundamental para a constituição da subjetividade sem que haja, contudo a diluição do ser. A alteridade se constitui como esta relação ética do eu com o outro, do encontro face a face, uma atitude de abertura e hospitalidade à singularidade e fragilidade do sujeito; é a saída do eu rumo ao outro. Compreendeu-se que a relação terapêutica se estabelece fundada nesta ética, no encontro entre o psicoterapeuta e o cliente. Desta forma, este trabalho buscou entender como a alteridade contribui para a comunicação na relação psicoterapêutica. Através de um levantamento bibliográfico de literatura e da análise e discussão dos dados, buscou-se compreender o conceito de alteridade, identificar como ocorrem os processos de comunicação e entender a contribuição ética da alteridade para a comunicação na relação psicoterapêutica. Foram utilizados 5 textos, como resultados das pesquisas, que contribuíram para o desenvolvimento das discussões sobre a temática, onde foram abordados pontos importantes da teoria levinasiana, e que trouxeram assim, respostas a pergunta-problema de pesquisa e uma maior compreensão do assunto. Ressalta-se que o trabalho não encerrou os estudos sobre o tema abordado, visto que há muitas pesquisas, teorias e metodologias a serem esmiuçadas e úteis para a compreensão e estruturação da temática.

Palavras-chave: Alteridade. Comunicação. Relação terapêutica.

ALTERITY AS A WAY TO COMMUNICATION IN THE THERAPEUTIC RELATIONSHIP.

DUANE BORBA RODRIGUES

HADARA YASMIM MATOS COUTO FERRÉ

MARIA EDUARDA DE CASTRO VERAS

ADVISOR: CATARINA VIANA

Abstract: The other, in Emmanuel Lévinas's philosophy, is the unknown, it is the exterior of Me, which cannot be understood in its entirety; but this I-you relationship is fundamental for the constitution of subjectivity without there being, however, the dilution of being. Alterity is constituted as this ethical relationship between the self and the other, the encounter with a face, an attitude of openness and hospitality to the subject's singularity and fragility; it is the exit of the self towards the other. It was understood that the therapeutic relationship is a treatment based on this ethics, no encounter between the psychotherapist and the client. Thus, this work sought to understand how otherness contributes to communication in the psychotherapeutic relationship. Through a literature review and data analysis and discussion, we sought to understand the concept of otherness, identify how communication processes occur and understand the ethical contribution of otherness to communication in the psychotherapeutic relationship. Five texts were used, as research results, which contributed to the development of consequences on the theme, where important points of Levinasian theory were used, and which thus brought answers to the research problem-question and a greater understanding of the subject. It is noteworthy that the work did not complete the studies on the topic addressed, as there is a lot of research, theories and methodologies to be scrutinized and useful for the understanding and structuring of the theme.

Keywords: Otherness. Communication. Therapeutic relationship.

1. INTRODUÇÃO

Emmanuel Lévinas, filósofo franco-lituano do século XX, influenciado dentre outros autores, por Heidegger (que se interessava em estudar sobre o ser e que se espantava com o esquecimento), se importou com o estudo do ente, que se constitui a medida que se relaciona com o ser. O que espantava Lévinas era o esquecimento do outro, pois segundo o autor, o outro irá trazer a ideia do infinito e ensinará ao sujeito a consciência de exterioridade (RODRIGUES, 2017).

A filosofia levinasiana possui alguns conceitos que, na sua organicidade enquanto sistema filosófico, são centrais para compreender a relação que se estabelece com o outro. São eles: Ontologia, Totalidade, Mesmo, Outro, Infinito, Ética, Alteridade, Rosto, Responsabilidade e Violência.

O conceito de ontologia concebido por Lévinas é de um egoísmo metafísico ou egoísmo existencial do ser, uma redução do outro ao Mesmo, ou em outros termos, a base ontológica do conhecimento significa a eliminação da alteridade do sujeito. Lévinas faz uma crítica a ontologia e à totalidade, as observa como uma pretensão errada do Ocidente de alcançar o saber absoluto, numa tentativa de reduzir o Outro ao Mesmo. Este Outro é absolutamente outro que não pode ser conceituado e nem reduzido e o Mesmo significa “o mesmo de mim mesmo” é a tomada do Outro como outro eu, ou o domínio do Outro como outro próprio-eu, ambos dialogam-se (MARTINS, 2014).

Quanto a alteridade é vista para além de um conceito, sendo concebida como uma prática. Segundo Marcondes Filho (2009 apud VICENTE e FERREIRA, 2016, p.13) o conceito advém do latim alteritas “o fato de ser um outro” está diretamente associada ao princípio do ser como EU em união ao TU, desta forma, pondera-se que “a forma como o sujeito se relaciona com seu semelhante, como considera o “outro”, ou, como consegue fazer o movimento de sair de si e inclinar-se para à relação a partir do reconhecimento do outro”. Levando em consideração esse “outro” enquanto potencial para a comunicabilidade, configura-se pertinente compreender como o entrelaçamento entre o EU e o TU em um diálogo, acarreta na comunicação e surgimento de algo novo, especialmente para o debate acerca da comunicação (VICENTE e FERREIRA, 2016).

A relação com o outro, segundo Lévinas, irá interferir necessariamente para a existência da subjetividade do ser, "(...) sem que isso signifique que ambos se confundem numa totalidade ou num conceito comum que os dilui" (p.134). Desta forma, o que ocorre a partir da abertura para o outro é a alteridade e ela se constitui como a condição primeira do ser, se realizando na relação, que se faz conhecida através do revelar a si mesmo, do manifestar-se (MELO, 2003).

Nessa relação prevalece à ética que para Lévinas é considerada a filosofia primeira. A ética, por ser uma relação, antecede a ontologia. Em contraponto, a responsabilidade em Lévinas, antecede a liberdade, a liberdade do Eu se encontra na responsabilidade pelo Outro. O autor aponta que a relação ocorre com o infinitamente Outro enquanto outro, o infinitamente faz alusão ao termo Infinito, este se opõe a totalidade, trata-se do "sair de si" possui inspiração em Abraão na tradição bíblica, o infinito se reproduz na epifania do rosto. Para Lévinas, toda ontologia incita um tipo de violência diante do Outro. Quando há a transgressão da alteridade humana como critério ético, conseqüentemente acarreta na invasão no território da violência. O Outro, quando reduzido a conceito, é incapaz de mostrar-se na singularidade e individualidade do si e do seu próprio rosto. Uma vez reduzido a conceito, fica suscetível a intervir sobre o outro de forma instrumental e violenta (MARTINS, 2014).

A comunicação na alteridade é uma forma de entrar em contato com o outro, onde o mesmo é aceito em sua essência e sendo assim, a "comunicação implicaria acolhimento, passividade, da irreducibilidade deste Outro que me interpela, que sempre vai me interpelar" (LIESEN, 2012, pp. 83 e 84). É encarar o abismo que sempre haverá entre os interlocutores, pois que nenhum será capaz de desvendar o outro em sua inteireza, com hospitalidade e abertura para aprender e ser tocado pela subjetividade deste outro (LIESEN, 2012).

Nesta perspectiva, pensando a relação terapêutica que se estabelece entre cliente e psicoterapeuta, a comunicação é muito importante e ocorre para além da compreensão da mensagem transmitida, mas como um conectar-se com o outro preservando a dimensão do inalcançável; sendo instaurada uma ética da alteridade na relação, além daquela exercida no cumprimento das leis do código de ética profissional na prática clínica (MIRANDA, 2012).

O presente trabalho surge devido a motivação intrínseca do grupo em se aprofundar no campo fenomenológico existencial e por considerar que a prática da alteridade apresenta benefícios acerca da relação psicoterapêutica. Esta obra,

portanto, se insere no campo de compreensão da prática clínica fenomenológica em psicologia.

Através de um levantamento bibliográfico de revisão de literatura, buscou-se investigar e compreender quais as contribuições da alteridade para a comunicação na relação psicoterapêutica, através da definição do conceito de alteridade, descrição dos processos de comunicação e analisar a contribuição ética da alteridade para a comunicação na relação psicoterapêutica, como uma forma de responder a pergunta-problema de pesquisa: De que forma o conceito de alteridade pode trazer contribuições para a comunicação na relação psicoterapêutica?. Aqui serão abordados temas como alteridade, comunicação e ética da alteridade e relação cliente- terapeuta.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITO DE ALTERIDADE

A história de Emmanuel Lévinas é de grande valia para compreender o que o levou prosseguir na filosofia. Desde pequeno já buscava entender sobre o hebraísmo, livros poéticos e romancistas e com o tempo desenvolveu interesse em se aprofundar nos estudos filosóficos e existenciais usando como discussões na sua caminhada as visões de Husserl e Heidegger. Lévinas decide a partir do seu conhecimento absorvido referente à filosofia e ao que percebeu de interessante desses outros teóricos que deveria abranger os seus conhecimentos a respeito da alteridade do outro (MELO, 2003).

Para Lévinas a natureza do eu só é capaz de transparecer a partir do que o outro apresenta. Ele deixa claro que sua subjetividade tem surgimento devido ao outro e que não existe subjetividade universal que possa fazer com que todos os sujeitos exalem a mesma base ou o mesmo fundamento. A alteridade depende da constituição e da relação com o outro e para Lévinas ela é essencial para a existência do ser e da sua forma de ser subjetivo. Por isso que a alteridade também trata de uma visão ética, pois ela sempre será um plano de acesso para o outro (SOUZA, FARIAS E FABRI, 2008).

Tal conceito na área da psicologia tem sido observado com uma frequência maior em suas reflexões e trouxe consigo destaques em temáticas para além da filosofia, como por exemplo, a luz de conteúdos de ciências sociais e humanas. Destaca-se também a alteridade através de visões psicológicas e que ela é um processo de

construção entre duas pessoas. De acordo com Jodelet (1998) é entender o que significa ser o outro e o seu caráter como base de que a unidade entre ambos se dá através de um conjunto de interpretações (ZANELLA, 2005).

Rolnik (1992) em um diálogo com a física, apresenta como conceito de alteridade:

...o plano das forças e das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações irreversíveis. Em outras palavras, a existência inelutável do plano da alteridade define a natureza do ser como heterogênica. (ZANELLA, 2005, p. 1).

Quando existe o encontro entre duas pessoas, em que há trocas de informações sobre si é compreendido que o que se passa com o sujeito que será escutado traz como possibilidade de que quem escutará ser afetado com o que o outro expressa. Sendo assim, a existência da alteridade deve-se se tornar indispensável ao definir a natureza de um ser (ZANELLA, 2005).

A partir do momento que um se coloca disponível e diante do outro frente a seus serviços e informações facilita a interação entre ambos. A alteridade está inserida nessa relação consciente que um precisa do outro e uma das relações mais conhecidas que se encontra na psicologia é através do profissional e cliente. Está muito além do que a compreensão do sujeito e envolve também uma escuta e uma forma de como responder a respeito das suas indagações. O essencial é entender que deva existir responsabilidade do que será recebido pelo que o outro manifesta (FREIRE, 2003).

2.2 COMUNICAÇÃO

A etimologia da palavra comunicação vem do latim *communicatio*: *co* significa em conjunto, concomitante; *munis* significa estar incumbido de algo; *tio* representa uma ideia de atuação, dinamismo; assim sendo, etimologicamente falando, a comunicação está atrelada a ideia de “atividade realizada conjuntamente” (p.2), e, portanto, a forma como a mensagem será transmitida influenciará na forma como será recebida, e vice-versa (SCHELLES, 2008).

A transmissão das informações no processo de comunicação, ocorre de forma verbal e não-verbal. Na primeira, a mensagem é transmitida por meio da fala; na segunda, abrangem os sinais paralinguísticos ou vocais (como a entonação da voz e grunhidos), a postura corporal, expressões faciais, características físicas, dentre outros. “Esses sinais não-verbais podem ser utilizados para complementar, substituir

ou contradizer a comunicação verbal e também para demonstrar sentimentos” (p.164), sendo com isto, importante a união de todos estes elementos para a compreensão da mensagem (RAMOS e BORTAGARAI, 2012).

Segundo Deliberato (2017), o processo de comunicação está relacionado a capacidade do sujeito em transmitir e receber informações adquiridas e desejadas com outras pessoas. Desta forma, é essencial que sistema linguístico escolhido seja compartilhado por todos os interlocutores, ou seja, a linguagem utilizada deve ser de conhecimento mútuo para que a mensagem possa ser efetivamente compreendida (DELIBERATO, 2017).

Segundo Chauí (2000), aponta:

[...] a linguagem como capacidade de expressão dos seres humanos é natural, isto é, os humanos nascem com uma aparelhagem física, anatômica, nervosa e cerebral que lhes permite expressarem-se pela palavra; mas as línguas são convencionais, isto é, surgem de condições históricas, geográficas, econômicas e políticas determinadas, ou, em outros termos, são fatos culturais (CHAUÍ, 2000, p. 176).

Sendo assim, a linguagem se apresenta como uma ampla dimensão social, devido a sua variedade de cultura e fatos históricos. A linguagem é um meio construtivo individual da subjetividade, ajudando efetivamente na colaboração da comunicação nas suas relações com o meio social (ZUCOLOTTO, RUIZ e PINHEIRO, 2019).

A comunicação em si é um meio de conseguir se conectar com outra pessoa, uma necessidade do ser humano para viver em um ambiente social. Os meios de comunicações vistos em um grupo ou meio sociais elucidam a compreensão das necessidades reais das pessoas, ajuda na tomada de decisões, a pessoa consegue se expressar melhor, fornece um diálogo mais ativo e dinâmico entre ambos, crescimento crítico e manejo no que falar e agir diante de determinada situação. Segundo o autor Bordenave, a comunicação e o meio social devem andar juntos, não existe um meio social se ali não é trabalhada a comunicação (BORDENAVE, 2017).

Para Lévinas, a comunicação para ir além de um simples fenômeno de transmissão de informações e representar um fenômeno de compartilhamento e vinculação entre os sujeitos, precisará estar relacionado a noção ética de alteridade. Segundo o autor, possibilita a relação de comunicação e a ligação intersubjetiva entre os sujeitos permitindo assim que haja uma abertura para a possibilidade de recepção e aceitação do outro em sua singularidade. Nesta perspectiva, a comunicação efetiva exige uma demanda de ética que é expressa de três maneiras: postura de abertura e

disponibilidade para o outro, responsabilidade diante do rosto do outro, e espaço para a expressão do rosto do outro (MARTINO e MARQUES, 2019).

O rosto segundo Lévinas é o lugar da verdade, é o desconhecido. A noção de rosto é alteridade absoluta, ou seja, é aceitar o outro em sua singularidade, e não correlacionar ou enquadrar o mesmo a esquemas predeterminados ou projetando no outro a si mesmo, é o outro enquanto outro, é significação sem contexto, é ir além do cognoscível. E é a partir da relação de alteridades absolutas que a linguagem traz um sentido verdadeiro, visto que o outro é autor de si, de sua fala e o mesmo ensina a sua verdade, trazendo a consciência da exterioridade na relação interpessoal (RODRIGUES, 2017).

A recepção da alteridade do outro, na filosofia levinasiana, é a recepção da mensagem deste outro e somente aceitando o desconhecido e deixando se afetar pelo rosto deste outro que a comunicação efetiva ocorrerá. Este ato comunicacional independe da presença física, ela é mediada pela hospitalidade, pela abertura da alteridade que vai além de um senso de empatia; mas se estabelece no abrir-se ao outro e no espaço dado a expressão de seu rosto (MARTINO e MARQUES, 2019).

Este encontro com o rosto é para Lévinas sempre um evento traumático visto que é uma violência infligida ao eu, é uma relação entre desiguais que independe da vontade do eu, em que o outro não pode ser delimitado e controlado. A relação ética ocorrerá a partir do respeito da assimetria radical entre os interlocutores e da preservação e contemplação do estranhamento deste outro (RODRIGUES, 2017).

A comunicação para Lévinas está atrelada também a noção de infinito, onde o outro existe para além Mim, o Eu do outro excede a Mim, é exterior ao Mim. O outro estará assim para além, escapa da totalidade do meu ser. Quando então há o acolhimento do outro na comunicação, há a recepção do infinito deste outro e também o ensinamento deste Mim, pois que vem do exterior, a partir do acolhimento do discurso deste outro (LIESEN, 2012).

É a partir da independência entre os interlocutores que Lévinas funda sua comunicação no diálogo, cuja irreversibilidade entre Mim e o Outro supõe, contudo, uma abertura a partir da proximidade, ou em outras palavras, da responsabilidade diante do Outro (LIESEN, 2012, p.87).

A responsabilidade pelo outro se dá no respeito pelo compartilhamento, pela resposta e infinidade do mesmo. Responsabilidade diante da alteridade do outro que se manifesta na hospitalidade e acolhimento da estranheza do mesmo, é o ato de

despir-se da certeza e aceitar o não familiar, preservar o estranhamento, é sempre uma responsabilidade incondicionada (MARTINO e MARQUES, 2019).

2.3 ÉTICA DA ALTERIDADE E RELAÇÃO CLIENTE-TERAPEUTA

A filosofia de Lévinas possui uma análise fenomenológica que se dirige para o terreno da ética e sobre o acontecimento ético do eu com o outro, em outras palavras, ele fala da responsabilidade que há neste encontro. Na tentativa de exceder a ontologia pela ética, numa suposta ética, ele desenvolve um modo de pensar acerca das relações humanas, nesse sentido, reafirma alguns conceitos da intersubjetividade de Husserl e a reciprocidade em Buber, onde o ser é ser para o outro, acrescenta que as relações inter-humanas com a ausência da ética não existem. A ética diferencia-se da moral, não se tratando de um conjunto de princípios, ou acordo mútuo da sociedade, ela se opera na escuta e no encontro face a face com o outro (MELO, 2003).

A questão de Lévinas é que, se nossas interações sociais não forem sustentadas pelas relações éticas com as outras pessoas, então o pior pode acontecer, ou seja, o fracasso em se reconhecer a humanidade do outro (HADDOCK-LOBO, 2006, p.17, apud MIRANDA, 2012, p.16).

Em retrospecto ao que já foi mencionado anteriormente, a ética é considerada o centro do pensamento de Levinas, desta forma, sua filosofia se distancia da tradição filosófica que tentava pensar na unidade do ser. Seu pensamento se foca na alteridade do Outro; sua reflexão se inclina em defesa da subjetividade baseada na idéia de infinito, compreendido como a abertura ao reconhecimento do Outro (FILHO e FELIPE, 2010).

Conforme Coelho Junior (2008, p. 211 apud MIRANDA, 2012, p.23) a abertura ao Outro é considerada uma relação ética por excelência, baseia-se no nível da sensibilidade, se contrapõe ao da consciência: “A ética precisa ser vista como algo vivido na sensibilidade corporal de uma exposição constante ao outro”. Para Lévinas, a sensibilidade e afetividade iniciam-se a partir do outro e para este, disponibilizando-se como vias de abertura e acolhimento, na qual menciona em uma entrevista que sua visão acerca da emoção humana e espiritualidade começam no para-com-o-outro e na afeição para o outro (MIRANDA, 2012).

Elaborando uma associação entre a reflexão levinasiana e a relação terapêutica, nos levam a concluir que estar aberto à visitação do Outro, desse estranho, não é uma possibilidade de escolha, pois é este estranho quem vai se instaurar como estruturante da subjetividade, que, antes mesmo de ser liberdade, é um sujeito de

vulnerabilidade a Outrem, sensibilidade que não descobre, mas que, a partir da epifania do Outro, se sensibiliza pela revelação da alteridade (VIEIRA e FREIRE, 2006).

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

3.1 RECORTES SOBRE PESQUISA QUALITATIVA

Diferentemente da pesquisa quantitativa que se enfoca na quantificação, compreensão das variáveis e relações causais no estabelecimento dos fenômenos, argumentando a utilização de uma imparcialidade e busca da “verdade” dos fatos, a pesquisa qualitativa busca a compreensão do meio social através de práticas interpretativas, reconhecendo que a construção da realidade perpassa pela intencionalidade e subjetividade do sujeito, que influenciará toda a análise (MARTÍNEZ, 2012).

Segundo Deslandes (1994, p.22) a “(...) abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Esta pesquisa, portanto, busca a compreensão da realidade humana através da investigação do significado, ao invés de medições e estatísticas (DESLANDES, 1994).

Desta forma, nesta metodologia de pesquisa há o reconhecimento da interação e dinamicidade existente entre o objeto de estudo e o indivíduo, ou seja, “(...) de uma interdependência viva entre sujeito e objeto e de uma postura interpretativa, constituindo-se como um campo de atividade que possui conflitos e tensões internas” (RAMIRES e PESSÔA, 2013, p. 25).

O presente trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa, através da coleta de dados e interpretação dos mesmos, onde busca-se a compreensão da temática e resposta à pergunta-problema de pesquisa.

3.2 METODOLOGIA

A metodologia de revisão de literatura permite de forma concisa a compreensão e contextualização de temáticas e construção do saber, promovendo a compreensão do pesquisador da temática escolhida através de uma busca intensa de conteúdos e familiarização com o tema; e seleção do conteúdo a ser incorporado na tese elaborada. Para isto, a mesma precisa ser bem elaborada para a construção de uma tese de alta qualidade, relevância e reconhecimento científico, devendo ser utilizada

para contribuir na contextualização do problema bem como da avaliação teórica das produções científicas até o momento (MAZZOTTI, 1992).

É através da base de dados que a pesquisa inicia-se incluindo principalmente os critérios de exclusão e de inclusão que o texto do pesquisador deve conter. A base de dados legitima, armazena, organiza, fortalece o documento preparado e desenvolve toda a pesquisa com todas as informações que são encontradas para o trabalho. Deve-se levar em consideração que a pesquisa de dados não é neutra, mas tudo depende daquilo que o pesquisador acredita e segue como contextos históricos, culturais e sociais explorando e dando oportunidade de encontrar diversas categorias sobre o tema escolhido (RIBEIRO, 2015).

Para cada pesquisa de dados existe uma categorização de realizar a pesquisa e a melhor forma é escolher a partir daquilo que é conhecido, por isso a necessidade de entender os processos de exclusão e inclusão que o trabalho deve conter para não acabar acrescentando algo que não esteja coerente com o tema desejado (RIBEIRO, 2015).

Sendo assim, o trabalho em questão busca por meio de uma pesquisa bibliográfica de revisão de literatura, que segundo o Manual de publicação da APA (2012, p. 26) “As revisões de literatura, incluindo sínteses de pesquisa e metanálises, são avaliações críticas de material que já foi publicado”. Partindo desta perspectiva, toda a pesquisa do trabalho utilizou base de dados dos anos de 1992 – 2019, através do Google acadêmico, revistas científicas e de sites como o Scielo, BVS e LILACS. Os descritores utilizados foram: Comunicação, Comunicação e Linguagem, Processo de Comunicação, Alteridade, Rosto em Levinas, Ética da Alteridade, Alteridade e Relação Terapêutica e Alteridade Prática Clínica.

Quanto aos critérios de seleção dos artigos e livros no trabalho, foram inclusos aqueles encontrados em fontes científicas e que apresentam conteúdos relevantes para a compreensão da temática proposta. Foram aceitos artigos e livros em português. Ao todo, ao longo da pesquisa entre março e novembro de 2021, foram encontrados 40 artigos, porém apenas 5 foram utilizados para a elaboração do presente trabalho e para responder à pergunta de problema de pesquisa. Os critérios para a exclusão destes textos, resultando em cinco, foram artigos que estivessem em outro idioma, que não o português, não possuíssem base e reconhecimento científico, e que não abordasse sobre a temática de pesquisa.

4. RESULTADOS

As obras selecionadas para a construção do presente trabalho foram publicadas entre 1992 e 2019, sendo escolhidas aquelas que apresentaram informações relevantes ao corpo do texto e compreensão do problema de pesquisa.

4.1 QUADRO DE RESULTADOS

QUADRO 1: TEXTOS DOS RESULTADOS

Autor	Ano	Título	Objetivo	Resultados	Consideração Final
LIESEN, M.	2012	Por uma comunicação como acolhimento e impossibilidade.	Compreender a percepção de Lévinas sobre a comunicação.	Quando então há o acolhimento do outro na comunicação, há a recepção do infinito deste outro e também o ensinamento deste Mim, pois que vem do exterior, a partir do acolhimento do discurso deste outro.	A partir da independência entre os interlocutores, Lévinas funda sua comunicação no diálogo, onde se há a responsabilidade diante do outro.
MIRANDA, C.S.N.	2012	Ética radical e psicoterapia centrada na pessoa: uma investigação acerca da abertura à alteridade radical na relação terapêutica a partir de discursos de psicoterapeutas sobre o inusitado em sua prática clínica.	Abordar sobre a ética na perspectiva de Lévinas.	A abertura ao Outro é considerada uma relação ética por excelência.	Para Lévinas, a sensibilidade e afetividade iniciam-se a partir do outro e para o outro, expressando assim, uma atitude ética.
SOUZA, Ricardo Timm	2008	Alteridade e Ética: Obra	Entender a constituição	Existe a retirada da	A alteridade é um plano de acesso

de; FARIAS, André Braynner de; FABRI, Marcelo.		comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Levinas.	a alteridade do outro.	máscara de que tenha uma autonomia do eu.	para o outro e é essencial a constituição dessa relação com o outro para perceber seu ser subjetivo.
VIEIRA, Emanuel Meireles e FREIRE, José Célio.	2006	Alteridade e Psicologia Humanista: uma leitura ética da abordagem centrada na pessoa.	Associar a reflexão levinasiana e a relação terapêutica.	Estar aberto à visitação do Outro não é uma possibilidade e de escolha.	O outro é um sujeito de vulnerabilidade a Outrem.
ZANELLA, Andréa Vieira.	2005	Sujeito e Alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural.	Entender sobre a alteridade além da visão psicológica.	A alteridade é encontrada em conteúdos de ciências sociais e humanas e pode-se vista também na física.	Além da alteridade ser uma forma de compreensão do outro, o sujeito será acometido pelo que o outro exhibe, por isso a necessidade de existir uma unidade entre ambos para entender as interpretações exibidas.

Fonte: Liesen, M. (2012); Miranda, C.S.N. (2012); Souza, R.T., Farias, A.B., Fabri, M. (2008); Vieira, E. M. e Freire, J.C. (2006) Zanella, A.V. (2005).

5. DISCUSSÃO

As investigações acerca da compreensão sobre a alteridade e seus benefícios da comunicação na relação psicoterapêutica por meio de revisão de literatura apontam para as seguintes questões.

Emmanuel Lévinas baseou toda a sua filosofia na alteridade como postura fundamental para a construção de uma relação pautada na abertura, sensibilidade e afetividade com o outro, aceitando o inusitado do contato e instaurando assim, uma relação ética por excelência (MIRANDA, 2012).

A partir do acolhimento da imprevisibilidade e da impossibilidade de se compreender o sujeito em sua inteireza na relação interpessoal, há a recepção do

infinito do outro, ou seja, de tudo aquilo que é dito e o não dito, do que é compreendido e do que não é, instituindo assim uma responsabilidade diante do outro (LIESEN,2012).

Na relação eu-tu, ambos os interlocutores afetam e são afetados uns pelos outros, desta forma, a compreensão de quem é este outro ocorre pela abertura de possibilidades e de se permitir ser afetado pelas informações que são comunicadas neste contato, sendo por isto mesmo, a alteridade indispensável na relação (ZANELLA, 2005).

O exercício da alteridade na relação interpessoal permite que o sujeito possa identificar e ter acesso aquilo que o outro apresenta e perceber o ser subjetivo a qual está se relacionando, ou seja, a singularidade deste ser. Sendo a alteridade fundamental para a constituição do ser e de sua subjetividade (SOUZA, FARIAS E FABRI, 2008).

Lévinas enfatiza em sua teoria sobre a alteridade, que o ser é um sujeito de vulnerabilidade diante do outro, onde essa abertura que permite a visitaçao do exterior, do estranho, ou seja, deste sujeito que é estruturante da subjetividade. Assim sendo, na relação psicoterapêutica o profissional não deve buscar descobrir o outro, mas através da postura de alteridade permitir que o mesmo se apresente (VIEIRA e FREIRE, 2006).

Desta forma, os autores acima trouxeram compreensões relevantes para o trabalho, por discorrerem sobre as contribuições da alteridade na relação interpessoal e psicoterapêutica, ressaltando os impactos positivos ao se adotar a postura de alteridade no diálogo e contato com o outro. É perceptível a importância do acolhimento da singularidade e infinitude para o estabelecimento de uma relação ética.

Com base nessas contribuições relatadas é notável também que a relação de abertura é expressa de uma maneira mais postural, onde trabalhar essa perspectiva e alcança-la através de uma adoção ética, permitirá o uso da sensibilidade e da afeição para com o outro. Percebe-se então que na relação eu-tu a possibilidade de se obter informações e um diálogo mais compreensivo com o outro também se encaixa com o entendimento de abertura, contribuindo assim para que a alteridade se apresente fundamental para a relação.

Neste contexto, os signos são instrumentos psicológicos construídos historicamente a partir das interações sociais, responsáveis por reorganizar e regular

as atividades psíquicas permitindo a mediação das inserções e relações sociais. Por meio da linguagem expressam a consciência do sujeito destes significados. Contudo, embora haja esta dimensão coletiva constituinte do sujeito, que interliga os interlocutores, há também a dimensão privada do ser, da singularidade e infinitude resultante do encontro com o outro, não apenas humano (ZANELLA, 2005).

Assim sendo, o autor Zanella (2005) enfatiza, a presença de influências do coletivo, para a constituição do sujeito, através dos signos, sendo a linguagem o veículo para a expressão destes significados. Observa-se que o autor amplia a interferência do outro para a construção do sujeito, abarcando também a dimensão dos signos que são transmitidos históricos e culturalmente nas relações. Percebe-se que estas significações permitem a compreensão do discurso entre os interlocutores, porém de forma alguma é capaz de delimitar e definir o sujeito, visto que o mesmo está para além do cognoscível.

Seguindo esta linha de pensamento, os autores Souza, Farias e Fabri (2008) compreendem que a linguagem é composta pela pluralidade, pois supõe a presença de interlocutores, de dois ou mais estranhos, que são irreduzíveis a conceitos e parâmetros, e é através do dizer que o encontro é possível. O dito remete-se a totalidade, a completude, já o dizer é a palavra do outro, e por isto mesmo, sem expectativas de completude (SOUZA, FARIAS E FABRI, 2008).

Desta forma, segundo Lévinas, o Outro trata-se de um dizer e não ao dito, ou seja, é aquele que antecede e excede a qualquer definição que possam fazer dele, é a sua dimensão do infinito, diferentemente do dito que é a forma delimitada e cristalizada do dizer, deste outro, pois que foi conceitualizada. O dizer, portanto, refere-se à condição primeira para que possa haver a linguagem, mesmo dela se abstenha para não incorrer ao que é dito (VIEIRA e FREIRE, 2006).

Observa-se que os autores ressaltam a necessidade de aceitar o estranho, aquilo que o outro traz que não pode ser controlado e determinado por ninguém a não ser por ele mesmo. Compreende-se com isto, que embora a linguagem seja o veículo da expressão do outro, utilizá-la para conceituá-lo é buscar delimitá-lo, sendo assim uma postura contrária a alteridade.

Nesta perspectiva, o conhecimento que se é construído sobre outra pessoa é resultado da recepção e acolhida da manifestação deste outro, por aquilo que ele de forma gratuita expressou de si mesmo. A redução do indivíduo em categorias, portanto, é um ato de violência contra o mesmo, é a negação da alteridade do sujeito

e do seu “poder-ser”, ou seja, de todas as suas possibilidades e potencialidades de ser diferente daquilo que se é compreendido sobre ele (SOUZA, FARIAS E FABRI, 2008).

Assim sendo, a relação de proximidade com o outro, na perspectiva levinasiana, pode ocorrer sem a anulação ou redução do sujeito. Posto isto, a mesma deverá se pautar na valorização da dimensão do incognoscível na relação, e responsabilidade e não-indiferença do outro, mesmo que haja uma assimetria intransponível entre os interlocutores (VIEIRA e FREIRE, 2006).

A partir da compreensão dos autores quanto a importância de não reduzir o outro em paradigmas e expectativas pessoais, percebe-se que o psicoterapeuta para exercer a alteridade e estabelecer uma relação de proximidade, deverá dar voz e espaço a manifestação da exterioridade do cliente, de tudo aquilo que não pode alcançar e compreender, e que excede a si mesmo, possibilitando uma compreensão mais ampla, embora nunca total, sobre ele.

Ainda sobre a compreensão da redução do sujeito, a tradição do pensamento ocidental busca conhecer a verdade através do conhecimento exaustivo de um fato, sendo esta redução dos elementos em definições e categorias, uma prova de objetividade. Porém, segundo a filosofia levinasiana, que vai contra a esta perspectiva cartesiana, sempre iremos conhecer o outro de forma fragmentária e parcial, pois o ser humano tem sempre a potencialidade de ser diferente (SOUZA, FARIAS E FABRI, 2008).

A apropriação do outro como algo idêntico a si mesmo implica necessariamente na possibilidade de ser possível alcançar a sua totalidade, sendo, portanto, uma ideia que sufoca a subjetividade e promove a redução do sujeito, por implicar que a simetria e universalização do saber na relação, seja possível (VIEIRA e FREIRE, 2006).

Esta redução do indivíduo em classificações e definições é uma forma de redução e anulação das potencialidades do mesmo. Todo o conhecimento, portanto, que se pode ter de alguém, ainda assim não é capaz de exaurir seu ser, pois o mesmo possui uma capacidade criativa de ser sempre diferente, de ser sempre outro, que caracteriza a sua dimensão do infinito.

O infinito na teoria levinasiana é uma ideia que transcende o eu, pois mesmo que o outro se pareça evidente, ele não pode ser reduzido e delimitado. Toda tentativa, portanto, de síntese do sujeito, remete a uma finitude e restrição, que é contrária a

sua essência. Embora haja na relação interpessoal o interesse de conhecer o outro, esta relação excede o cognoscível (SOUZA, FARIAS E FABRI, 2008).

Sendo assim, na teoria levinasiana, o paradoxo da dimensão do infinito em seres finitos, implica na impossibilidade de conter o outro em sua totalidade racionalmente no pensamento, posto que o contato entre os indivíduos não se estabelece racionalmente, mas a partir da sensibilidade e recepção ao que não se permite ser compreendido (MIRANDA, 2012).

Neste contexto observa-se que o ser é visto como alguém que vai além do conhecimento e compreensão. Este entendimento é fundamental para um relacionamento com o outro sem a expectativa e desejo de conhecê-lo em sua totalidade, mas sim em se abrir para a recepção daquilo que ele manifesta e compartilha, pois, estar aberto à visitação do estranho do outro, que é a sua infinitude acessível a partir apenas da revelação do sujeito na relação, é essencial para se promover a proximidade entre os interlocutores, assim como afirmam Vieira e Freire (2006). Esta última ocorre mesmo na diferença e singularidade de cada um, mas nunca com indiferença, pois a proximidade é estar em contato com a exterioridade do outro, sem anulá-lo (VIEIRA e FREIRE, 2006).

Para Levinas, falar em proximidade não está relacionado a uma questão espacial, mas ocorre quando o sujeito se sente responsável sem expectativas de reciprocidade na relação, numa postura ética de altruísmo puro e de não-indiferença pelo outro, pois ele é sempre anterior ao sujeito e possui a dimensão da infinitude, numa relação que será sempre assimétrica e de distância absoluta quanto ao conhecer o outro (MIRANDA,2012).

Esta proximidade é entendida como uma postura de não indiferença pelo indivíduo que é essencial na relação interpessoal, sendo assim quando se pensa a Psicologia e a relação que se estabelece entre sujeito e terapeuta, é imprescindível a adoção desta postura que valoriza o estranhamento do outro e promove uma aproximação entre os interlocutores mediante a absoluta distância que sempre haverá em se compreender o sujeito em sua totalidade.

A relação terapêutica se fundamenta, portanto, no diálogo, que é anterior a relação, pois os interlocutores não apenas se valem deste, mas são o diálogo. Ou seja, é por meio do diálogo que se expressa a pluralidade do outro, e por onde o contato entre o psicoterapeuta e o cliente se estabelece. Estar aberto ao que está

sendo comunicado pelo cliente, portanto é assumir uma postura ética de reconhecimento da anterioridade e singularidade do outro (MIRANDA, 2012).

Nesta perspectiva, a escuta terapêutica deve priorizar a apreensão do que está sendo comunicado pelo cliente numa postura de aceitação da infinidade do outro e da assimetria na relação. Observa-se que o psicoterapeuta na relação, deverá promover um clima de segurança e acolhimento através de uma postura ética de alteridade, onde, através do diálogo o cliente se expressará.

“A relação entre o eu e o outro é uma relação de desençaixe, não é uma relação de falta. É a impossibilidade de apreensão e representação” (LIESEN,2012, p. 85). A relação eu-tu através do contato com o Rosto do outro, segundo Lévinas é fundamental para a comunicação, que é entendida como proximidade ética. Para o autor, a comunicação em um diálogo acolhedor e sem buscar a redução do outro a partir de si mesmo instaura o espaço para a expressão e revelação do sujeito, da pura exterioridade, o além da totalidade do indivíduo (LIESEN,2012).

O cliente traz a dimensão do infinito de si, na relação psicoterapêutica, onde haverá uma incapacidade do profissional conhecer em essência o outro, sendo ela uma relação de não satisfação, de um desejo insaciável da compreensão não da falta, mas do excesso, do infinito do outro. O estranhamento é experienciado tanto pelo terapeuta quanto pelo cliente, e a linguagem se institui a partir da exterioridade deste outro, do estranho, por meio do diálogo (MIRANDA, 2012).

O diálogo aberto e acolhedor é desta forma o ponto central da relação psicoterapêutica. Compreende-se, portanto, que este é peça chave para que ela se estabeleça, porque é o que permite o espaço para a expressão da infinidade e singularidade deste cliente. Sendo o contato e a postura de abertura para a experiência, o essencial nesta relação, ficando em segundo plano a necessidade de compreender, definir e estabelecer rótulos a este sujeito.

A comunicação é compreendida como “proximidade ética” (p.83), na teoria de Lévinas, visto que este contato com o outro não pressupõe nem a fusão entre os sujeitos, nem a supressão de um sobre o outro e nem a anulação de sua alteridade. A comunicação se expressaria como a recepção e irreducibilidade da emergência do novo na expressão da singularidade do indivíduo (LIESEN, 2012).

Na prática clínica, a comunicação deve, portanto, ofertar possibilidades de abertura ao estranhamento, a uma ruptura de paradigmas e expectativas da relação, abrindo mão de um engessamento e tecnicidade do comunicar-se com o outro,

evitando desta forma, uma postura de escuta surda a exterioridade do cliente (MIRANDA, 2012).

Assim sendo, a comunicação é um veículo de expressão da singularidade e recepção acolhedora da exterioridade do indivíduo, sendo necessário que o sujeito adote uma postura que busque romper com a inflexibilidade e padronizações, que limita e reduz o sujeito, uma postura de alteridade, visto que a mesma respeita e valoriza a expressão e individualidade do outro.

Claramente a utilização da comunicação poderia trazer à realidade a visão de alteridade relacionada ao acolhimento do outro, o outro como completo surgindo diante de outro ser. Através dessa comunicação que se inicia uma relação que não pode ser dividida, ou seja, basicamente tal linguagem entre ambos revela o que o outro tem para apresentar e acrescentar na vida do sujeito. O acolhimento do outro em um discurso é deixá-lo livre para expressões do que se passa com ele, é ser capaz de entender ele através do conceito de infinito, compreendendo uma relação de ensino através do que é escutado (LIESEN, 2012).

Surgem transformações a respeito do que é expresso pelo outro através da comunicação e linguagem e isso traz formas de entender como avaliar esse discurso em uma psicoterapia. Sendo assim, a psicoterapia não deixa de ser uma aventura a partir do momento que se percebe que a comunicação dita pelo o outro é de difícil acesso imediato e necessita de uma relação que passe por evoluções e transformações para melhor ser entendida e trabalhada. Por isso, de acordo com os estudos de Lévinas não existe o eu sem o outro, ambos se constituem (VIEIRA e FREIRE, 2006).

É perceptível o que esses dois autores relatam a respeito da linguagem e comunicação passando a informação de que de fato é de difícil acesso compreender o outro seja com o sujeito ou com um psicoterapeuta sem que haja o devido acolhimento, a aceitação dele por inteiro e o entendimento de que é necessário um processo de evolução do mesmo, pois ainda que haja expressões para torná-lo mais próximo entre tais relações é necessária à compreensão de que ambos são essenciais para a sua complementariedade e totalidade.

Nesta perspectiva, a linguagem irá revelar a dimensão assimétrica da comunicação, ou seja, o diálogo com o outro nunca será uma conversa entre iguais, é sempre uma relação com o desconhecido e o discurso que é acolhido na postura de

alteridade é sempre um ensinamento: o desvelar do sujeito a partir de sua revelação, a epifania do rosto (LIESEN,2012).

O psicoterapeuta precisará, portanto, dominar a “arte-de-não-saber”, reconhecendo e aceitando a imprevisibilidade da relação, numa postura ética de reconhecimento da anterioridade do outro, sem expectativas sobre o atendimento, para não incorrer em reduzir o cliente diante da ideia de algo esperado, se opondo assim, a uma postura de alteridade (MIRANDA, 2012).

Segundo os autores Liesen (2012) e Miranda (2012), a consciência da permanente assimetria da comunicação com o outro, e a certeza de que o psicoterapeuta nunca irá alcançar a completa compreensão deste sujeito, abre portas para uma atuação profissional sem expectativas e cobranças deste encontro, propiciando a instalação da alteridade na relação.

Desta forma, o conceito de alteridade desenvolvido por Emmanuel Lévinas, bem como os demais conceitos da ontologia de sua filosofia radical descritos pelos autores em análise, trouxe contribuições pertinentes a pesquisa, pois a medida que o terapeuta compreende que a psicoterapia é o espaço da manifestação daquilo que o cliente decide falar de si e nunca de sua totalidade, a comunicação entre os mesmos se manifesta de forma mais acolhedora e benéfica, e a escuta da singularidade do sujeito ocorre sem prejuízos de qualquer saber e teorias prévias à relação psicoterapêutica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência da alteridade na relação interpessoal foi bastante discutida na filosofia dialógica e radical de Emmanuel Lévinas, buscando desta forma instituir um contato com o outro mais acolhedor e ético, com respeito a fragilidade e infinitude deste sujeito na relação. A alteridade se institui pela aceitação e respeito da estranheza, daquilo que é inacessível, e que se revela no contato com o outro. Desta forma, justifica-se a pesquisa e compreensão do tema, pois a postura de alteridade favorece a comunicação na relação psicoterapêutica, sendo de bastante relevância para o estabelecimento de uma prática clínica com maior abertura e recepção do outro em sua singularidade e estranheza.

Diante disso, este trabalho objetivou compreender as contribuições da alteridade para a comunicação na relação psicoterapêutica, por meio de uma revisão de literatura numa pesquisa qualitativa. Neste contexto, Lévinas traz importantes contribuições ao enfatizar a importância da relação com o outro para a constituição do

sujeito e da necessidade da alteridade para o estabelecimento de um contato mais autêntico e acolhedor entre os interlocutores, convidando assim o sujeito a uma saída do si-mesmo para poder alcançar este outro, mesmo que nunca em sua totalidade, numa relação mais aberta e responsável.

Durante o trabalho foi visto que a alteridade é de grande importância na prática psicoterapêutica, pois a comunicação é um processo de transmissão de informações, onde o sentido daquilo que é comunicado se estabelece de forma conjunta entre os interlocutores e que, portanto, a mesma para ir além do que uma transmissão de conteúdos e se instituir como um meio de vinculação entre os sujeitos, deve, segundo Lévinas, ser pautada na alteridade capaz de proporcionar um encontro baseado na recepção do outro em sua individualidade, e portanto, um espaço de maior segurança para a abertura e expressão do sujeito.

Portanto, o tema em estudo tem relevância para a área da Psicologia pois busca contribuir para o debate sobre a alteridade como uma ferramenta que beneficie a comunicação na relação cliente e psicoterapeuta. O trabalho contemplou essencialmente os aspectos teóricos da teoria levinasiana buscando compreender as suas compreensões para o campo de estudo proposto, porém o tema se beneficiaria e fica a sugestão para pesquisas futuras, de uma interlocução da teoria com vivências práticas e a associação do tema com as diversas abordagens da Psicologia. A pesquisa não pretende de nenhuma forma, esgotar e encerrar os estudos da temática, mas pelo contrário, incentivar a pesquisa científica sobre o tema, e propor as seguintes indagações para pesquisas futuras: A prática da alteridade é viável para atuação nas diversas abordagens psicológicas? E como aliar uma comunicação baseada na alteridade na prática clínica mediante as diversas abordagens?

7. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual de publicação da APA:** American Psychological Association. Tradução: Daniel Bueno. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação.** Editora e Livraria brasiliense, 1º edição e-book, 2017. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=1mgvDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=o+que+%C3%A9+comunica%C3%A7%C3%A3o&ots=NOJt1J2i_r&sig=uj3EDKDE8wizCKX0jLMmY6-h0L0#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20comunica%C3%A7%C3%A3o&f=false> Acesso em: 21 de março de 2021.

CHAUI, Marilena. A linguagem. *In:* CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia.** 11. ed. São Paulo: Ed Ática, 2000. pp. 172-190.

DELIBERATO, D. Linguagem, interação e comunicação: competências para o desenvolvimento da criança com deficiência não oralizada. *In*: NUNES, L. R. O. P., and SCHIRMER, C. R., orgs. Salas abertas: formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncionais [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 299-310. ISBN: 978- 85-7511-452-0. Disponível em: < [http://books.scielo.org/id/xns62 /pdf/ nunes-9788575114520-17.pdf](http://books.scielo.org/id/xns62/pdf/nunes-9788575114520-17.pdf)>. Acesso em: 02 de abril 2021

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** / Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FILHO, Martins. FELIPE, José Reinaldo. O outro, quem é ele? Considerações em torno da fenomenologia de Husserl, Heidegger e Lévinas. *Griot: Revista de Filosofia* [Internet]. 2010;1(1):49-59. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576665142006>>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

FREIRE, José Célio. **A psicologia a serviço do outro: Ética e Cidadania na Prática Psicológica**. *Psicologia, ciência e profissão*, 2003, 23(4), 12-15.

LIESEN, M. Por uma comunicação como acolhimento e impossibilidade. **Intexto**, Porto Alegre, n. 26, p. 81-97, jul. 2012.

MARTÍNEZ, L.F.P. A pesquisa qualitativa crítica. *In*: Questões sociocientíficas na prática docente: Ideologia, autonomia e formação de professores [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2012, pp. 138- 152. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/bd67t/pdf/martinez-9788539303540-12.pdf>>. Acesso em: 16 de setembro de 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá e MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. A comunicação como ética da alteridade: pensando o conceito com Lévinas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** [online]. 2019, v. 42, n. 3, pp. 21-40. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-5844201931>>. Acesso em: 29 de agosto 2021.

MARTINS, Rogério Jolins. *Introdução a Lévinas: Pensar a ética no século XXI* / Rogério Jolins Martins, Hubert Lepargneur. — São Paulo: Paulus, 2014.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. A "revisão da bibliografia" em teses e dissertações meus tipos inesquecíveis. **Cadernos de Pesquisa**, ISSN 0100-1574, ISSN-e 1980-5314, Nº. 81, 1992, págs. 53-60

MELO, Nélio Vieira de. **A Ética da Alteridade em Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p.311. (Coleção filosofia: 163). ISBN: 85-7430-377-1. Disponível em:< <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=vK7mJuJgj0EC&oi=fnd&pg=PA11&dq=alteridade+na+vis%C3%A3o+de+levinas&ots=jzXmRE6dLm&sig=d2OUIACg9XehOJnVoOU8CZP2vrc#v=onepage&q>

=alteridade%20na%20vis%C3%A3o%20de%20levinas&f=false> Acesso em 02: de setembro de 2021

MIRANDA, C.S.N. **Ética radical e psicoterapia centrada na pessoa**: uma investigação acerca da abertura à alteridade radical na relação terapêutica a partir de discursos de psicoterapeutas sobre o inusitado em sua prática clínica. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6837/1/2012-DIS-CSNMIRANDA.pdf>>. Acesso em: 02 de setembro de 2021.

RAMIRES, J.C.L. e PESSÔA, V.L.S. Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia. *In*: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A. e PESSÔA, V.L.S., comps. Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 22-35. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/hvsdh/pdf/marafon-9788575114438-03.pdf>>. Acesso em: 16 de setembro de 2021.

RAMOS, Ana Paula; BORTAGARAI, Francine Manara. A comunicação não-verbal na área da saúde. **Revista CEFAC**, Caxias do Sul, v.14, n. 01, p. 164-170, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rcefac/a/tvhH9gHRSnzJVkR76pmn6VL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 de setembro de 2021.

RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira. **A pesquisa em base de dados**: como fazer. 2015.

RODRIGUES, Tiago. (2017). A NOÇÃO DE ROSTO EM EMMANUEL LEVINAS. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*. v.2, n6, p396-407. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314490814_A_NOCAO_DE_ROSTO_EM_EMMANUEL_LEVINAS>. Acesso em: 29 de agosto 2021.

SOUZA, Ricardo Timm de.; FARIAS, André Brayner de.; FABRI, Marcelo. **Alteridade e Ética**: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre:/ EDIPUCRS, 2008. p.411. (Coleção filosofia: 204). ISBN: 978-85-7430-708-4. Disponível em:<<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=cXN7ZGvjyXQC&oi=fnd&pg=PA117&dq=alteridade+na+vis%C3%A3o+d e+levinas&ots=oGGAx7oU8k&sig=eHRIPcgJtJxobj9JK9NLIpGGJ0Q#v=onepage&q=alteridade%20na%20vis%C3%A3o%20de%20levinas&f=false>> Acesso em: 02 de setembro de 2021.

SCHELLES, S. A importância da linguagem não-verbal nas relações de liderança nas organizações. **Rev. Esfera**. 2008; ND(1):1-8. Disponível em: <http://fsma.edu.br/esfera/Artigos/Artigo_Suraia.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2021.

VICENTE, M. M; FERREIRA, M. F. **Eu e os outros em diálogo**: revisitando conceitos sobre comunicação e alteridade. Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 17, n. 43, p. 120-135, set./dez. 2016.

VIEIRA, Emanuel Meireles e FREIRE, José Célio. **Alteridade e Psicologia Humanista**: uma leitura ética da abordagem centrada na pessoa. Estudos de Psicologia (Campinas) [online]. 2006, v. 23, n. 4, pp. 425-432. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/sHyjbmR44zZd7sWNNxhdwWR/?lang=pt#>>. Acesso em: 04 de setembro de 2021.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Sujeito e alteridade**: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. Psicologia & Sociedade [online]. 2005, v. 17, n. 2, pp. 99-104. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822005000200013>>. Acesso em: 02 de setembro de 2021.

ZUCOLOTTO, Marcele Pereira de Rosa; RUIZ, Luciana Rodrigues; PINHEIRO, Najara Ferrari. REFLEXÕES SOBRE LINGUAGEM, SOCIEDADE E SURDEZ. **Revista UNIABEU**, V.12, Número 30, janeiro-abril de 2019. Disponível em:<<https://core.ac.uk/download/pdf/268396085.pdf>> Acesso em: 21 de março de 2021.